

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

Amanda Casagrande Mela
Sofia de Oliveira Hermoso

VIA
Reportagem hipermídia sobre mulheres refugiadas no estado de
São Paulo

Bauru
2019

AMANDA CASAGRANDE MELA
SOFIA DE OLIVEIRA HERMOSO

VIA
Reportagem hipermídia sobre mulheres refugiadas no estado de
São Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual
Paulista - UNESP como exigência parcial
para obtenção de título de Bacharel em
Comunicação Social - Jornalismo.

Orientação: Prof^ª. Dra. Angela Maria Grossi

Bauru
2019

AMANDA CASAGRANDE MELA
SOFIA DE OLIVEIRA HERMOSO

VIA

Reportagem hipermídia sobre mulheres refugiadas no estado de São Paulo

BANCA EXAMINADORA

Bauru, _____ de _____ de 2019

Prof^a. Dra. Angela Maria Grossi
Orientadora e presidente da banca
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Ass. Maximiliano Martin Vicente
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof^a. Ms. Michelle Moreira Braz
Convidada externa

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à nossa orientadora, Professora Angela Maria Grossi, pelo apoio e pela presença nesses últimos meses. Sua orientação profissional, além de conselhos pessoais, foram essenciais para alcançarmos nosso objetivo final neste trabalho de conclusão de curso.

Agradecemos pelo privilégio de frequentar uma universidade pública como a UNESP, sem a qual não seríamos as mesmas pessoas e profissionais. Acreditamos que a universidade pública, inclusiva, gratuita e de qualidade é imprescindível para a educação brasileira e o desenvolvimento do país. Nosso muito obrigada aos professores e colegas que ampliaram nossa visão de mundo e nos ajudaram no processo de desconstrução e debate de ideias.

Agradecemos à todas as nossas fontes, em especial Maguy, Mary, Salsabil, Nisreen, Nkechinyere e Prudence, mulheres sobreviventes, refugiadas no Brasil, cada qual com uma história singular que nos fizeram enxergar o mundo de forma mais humana. Que o caminho de vocês, assim como o de tantas outras mulheres na mesma situação, seja o mais leve possível.

Agradecemos à Thaís Bruschi, Anna Souza, Julia Montserrat, Raquel Silveira e Nathalia Cabral, que nos ajudaram com habilidades técnicas e artísticas que complementaram o projeto de forma essencial.

Agradecemos aos nossos amigos que se tornaram família nesses últimos quatro anos. A universidade teria sido bem mais difícil sem vocês, Karina, Mariana, Mariane, Marina, Matheus e Thábata. Cada um, de maneira única, se tornou parte de nossa vida e fez dos momentos compartilhados os melhores possíveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Rosana, por ser meu primeiro lar e principal exemplo de força feminina, e por me mostrar que o mundo pode ser um lugar melhor através da gentileza e sensibilidade. Ao meu pai, Nivanilton, que, com suas histórias de vida, me ensinou a importância de aproveitar o presente e, mesmo sem perceber, despertou minha vontade de mudar o mundo através da luta por direitos humanos.

Agradeço às minhas irmãs, Tainá, por sempre me incentivar a buscar meus sonhos e a dar meu melhor em tudo o que faço e à Mayra, por demonstrar resiliência nas situações mais adversas possíveis. Às duas, meu muito obrigada por serem exemplos tão distintos de mulheres, que influenciaram muito na pessoa que me tornei. Ao meu irmão Tales, agradeço por ser uma luzinha no fim do túnel e me lembrar que ser criança é também um estado de espírito.

Aos amigos que encontrei na UNESP, além dos já citados, agradeço por serem apoio em meio ao turbilhão de novos sentimentos e experiências vivenciadas. Brendhal, Bruno e Samir, obrigada por tornarem meus dias mais leves e me mostrarem que o amor é possível. Agradeço em especial a Karina, por compartilhar o mesmo lar durante os últimos quatro anos, o 808 vai estar sempre no meu coração.

Às minhas amigas de Pederneiras, agradeço por permanecerem. Ana Paula, Beatriz, Carla, Flávia, Maria Eloisa e Natália, ter um lugar no qual sei que sempre serei acolhida, me acalma e conforta.

Agradeço ainda, a Amanda, Casão para os íntimos, por aceitar minha companhia e trilhar ao meu lado o caminho até a conclusão deste trabalho. Sou muito privilegiada por ter encontrado uma mulher, amiga e jornalista tão incrível quanto você. Sei o quanto crescemos, aprendemos e nos tornamos pessoas melhores por conta deste projeto, obrigada pela oportunidade.

Por fim, agradeço à todas as mulheres que enfrentam a luta pela igualdade de gênero diariamente. Tenho a sorte de ser rodeada de mulheres fortes e ter como inspiração tantas outras, que me dão a certeza de estar no caminho certo.

Sofia de Oliveira Hermoso

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter se manifestado de diversas formas nas pessoas que conheci e nas situações que vivi durante os últimos quatro anos.

Agradeço aos meus pais por me proporcionarem a oportunidade que eles não tiveram de concluir uma graduação. À minha mãe, Irenita, obrigada por ser exemplo de resiliência. Mesmo nos momentos difíceis, você nunca deixou de me ensinar com amor, paciência e sabedoria. Ao meu pai, Roberto, agradeço por me incentivar a buscar a minha independência, ainda me mostrando que sempre terei para onde voltar. Mãe e pai, minha dívida com vocês será eterna.

À minha irmã, Camila, saiba que esse caminho foi mais fácil porque já tinha te visto passar por ele. Você é e sempre foi minha inspiração. Obrigada por toda ajuda de sempre. Agradeço à Agata, minha irmã de coração, que desde o ensino fundamental faz questão de comemorar minhas conquistas comigo. Obrigada por ser meu porto seguro não importando a distância que nos separa.

À todas as pessoas que conheci durante esses anos e tornaram a estadia em Bauru mais fácil. Em especial ao Samuel, que acompanhou minha trajetória desde as aulas de Filosofia do primeiro ano e permaneceu até quase não me aguentar mais falando de TCC. Obrigada pelo apoio e paciência.

Em lembrança especial ao meu avô Nelson, que se foi antes de me ver entrar na universidade, mas que sempre teve a preocupação e o cuidado com a minha educação e me ensinou coisas valiosas. Vô, eu trilhei todo esse caminho sem nunca me esquecer de você.

Agradeço à Sofia, que topou assumir este desafio comigo, sem saber o quanto isso mudaria quem somos. Nossos esforços se somaram e sem você não teria sido possível. Obrigada de todo o meu coração por dividir a graduação desde o primeiro dia e pelo “intensivo” de convivência nos últimos meses. Tive o privilégio de te acompanhar até aqui e tenho muito orgulho de quem você se tornou.

Agradeço às mulheres do mundo, que foram inspiração para a realização deste trabalho. Nossa luta é árdua e longa, mas seguimos juntas.

Amanda Casagrande Mela

A série de reportagens produzidas como Trabalho de Conclusão de Curso pode ser acessada pelo seguinte link: www.projeto.com.br

RESUMO

Este Projeto de Conclusão de Curso teve como proposta compreender e discutir as questões de gênero dentro da situação de vulnerabilidade vivida pelas refugiadas, visto que ainda existem poucos trabalhos sobre o tema que envolvem recorte de gênero, por meio do desenvolvimento de uma série de reportagens hipermídia sobre mulheres refugiadas no estado de São Paulo. O objetivo é dar visibilidade às mulheres refugiadas, de modo que fique evidente que o refúgio é uma condição de sobrevivência. Como metodologia de execução foram utilizadas entrevistas, pesquisa documental e levantamento de dados. Como resultado é apresentada uma série de reportagens hipermídia longform, que abordam a contextualização sobre o histórico do refúgio no mundo, no Brasil e no estado de São Paulo; instituições e ONGs de assistências aos refugiados; a questão da identidade cultural e saúde mental na situação de refúgio e; por fim, perfis de mulheres refugiadas.

Palavras-chave: Refúgio; Mulheres; Mulheres refugiadas; Gênero; Longform; Hipermídia.

ABSTRACT

This Term Paper had as a goal understand and discuss the gender issues inside the vulnerability situation in which the refugees have been living, given that there are few papers about it that address gender cutbacks. Through the development of a serie of hypermedia reports about female refugees in the state of São Paulo, the purpose is to give visibility to these women in a way that clearly shows that the refuge is a surviving situation. With an implementation methodology, interviews, documentary research and data survey were used to achieve the goal. As a result, we introduce several hypermedia longform reports, which approach the contextualization of the refugees situation around the world and in the state of São Paulo; the institutions and NGOs dedicated to these subject; the cultural identity of these women; their mental health and, finally, the female refugees profile.

Keywords: Refugee; Women; Refugee women; Gender; Longform; Hypermedia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Logotipo oficial do projeto Via.....	26
FIGURA 2 - Paleta de cores.....	27

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Gastos do projeto.....	28
-----------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Justificativa.....	13
1.2 Objetivos.....	14
1.2.1 Objetivo geral.....	14
1.2.2 Objetivos específicos.....	14
1.3 Estrutura do relatório.....	15
2 GÊNERO E FORMATO.....	15
2.1 Gêneros.....	15
2.2 Formato.....	17
2.2.1 Narrativas <i>longform</i> em reportagem hipermídia.....	17
2.2.2 Perfis.....	18
2.3 Direitos Humanos e Jornalismo.....	19
3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO.....	19
3.1 Pré-produção.....	20
3.2 Produção das reportagens.....	21
3.3 Pós-produção.....	23
4 CARACTERÍSTICAS DO PRODUTO.....	25
4.1 Público-alvo.....	25
4.2 Projeto gráfico.....	25
4.3 Custos de execução.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
APÊNDICES.....	33

1 INTRODUÇÃO

O termo refugiado é utilizado para definir uma pessoa que foi forçada a sair de seu país de origem por motivos como perseguição por raça, nacionalidade, opinião política, grupo social ou ainda por conflitos armados, violação dos direitos humanos e violências em geral. Definido na Convenção de Genebra de 1951, o termo se referia à população que sofreu com as consequências da II Guerra Mundial e precisava de apoio internacional para se estabelecer em outro país. A partir daí, surgiu o Estatuto dos Refugiados, documento que definiu os direitos e deveres das pessoas em situação de refúgio. Em 1967, a Organização das Nações Unidas (ONU), assinou um Protocolo que estendia essas regras para além do contexto de Segunda Guerra Mundial e passou a valer para qualquer pessoa que se sentisse ameaçada pelos motivos já citados.

De acordo com o Protocolo relativo ao Estatuto dos Refugiados (ACNUR, 1967), o princípio mais importante é o do *non-refoulement*, não-devolução em português, que proíbe os países de devolver ou expulsar pessoas com a vida ou a liberdade ameaçada. Desde a criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), estima-se que 68,5 milhões de pessoas já foram obrigadas a se deslocar em todo o mundo, sendo 25,5 milhões de refugiados, segundo dados do relatório Global Trends, *tendências globais* em português, divulgado pelo ACNUR em 2018.

É importante distinguir os termos “migrante” e “refugiado” por uma questão jurídica, como aponta o ACNUR em seu próprio site:

“Migração” é comumente compreendida implicando um processo voluntário; por exemplo, alguém que cruza uma fronteira em busca de melhores oportunidades econômicas. Este não é o caso de refugiados, que não podem retornar às suas casas em segurança e, conseqüentemente, têm direito a proteções específicas no escopo do direito internacional. Desfocar os termos “refugiados” e “migrantes” tira atenção da proteção legal específica que os refugiados necessitam, como proteção contra o *refoulement* e contra ser penalizado por cruzar fronteiras para buscar segurança sem autorização. Não há nada ilegal em procurar refúgio – pelo contrário, é um direito humano universal. (ACNUR, 2017, on-line)

Segundo Schwinn e Costa (2016, p. 221), no percurso pela sobrevivência, muitas pessoas morrem antes de chegar ao destino, “a Organização Internacional de Migração - IOM (sigla em inglês), estima que em 2015, mais de duas mil pessoas morreram no mar Mediterrâneo tentando chegar à Europa.”

Nesse contexto de insegurança e violência, pelo menos metade dos refugiados são mulheres e crianças, segundo o ACNUR. Assim, a vulnerabilidade social na qual se encontram ganha uma dupla característica, como 1) mulheres e/ou crianças e, 2) como refugiados. A violência de gênero já conhecida historicamente, encontra um cenário favorável à sua perpetuação, uma vez que além das violências por motivos de raça, nacionalidade ou opinião política, a violência sexual passa a ser um agravante, tanto como motivo para a fuga da mulher refugiada, quanto durante o caminho até um local seguro.

Para Lisboa (2006, p.151- 152 apud SCHWINN e COSTA, 2016, p. 224):

estudos feministas apontam para o que se pode chamar de “feminização das migrações”, resultado sobretudo do processo de feminização da pobreza, já que, segundo as Nações Unidas, 70% dos pobres do mundo são mulheres, o que seguramente tem desencadeado fluxos migratórios internos (nacionais) e externos (internacionais), onde as mulheres migram em busca de melhores condições de vida para si e seus familiares.

As mulheres migrantes ou refugiadas raramente são vistas como protagonistas de suas próprias escolhas, pois o papel de mãe e esposa existente sobre elas, faz com que a visão de meras acompanhantes de seus maridos seja a mais difundida. De acordo com Boris Fausto (1998), “a visão do estrangeiro como outro, objeto de curiosidade algumas vezes, objeto de temor e desprezo quase sempre, tem fundas raízes no mundo ocidental.”

Dado o exposto, este trabalho tem como intuito destacar a visibilidade e o protagonismo de mulheres refugiadas que vivem no estado de São Paulo, forçadas a deixarem seus países em vista dos mais variados motivos, acompanhadas ou não. Vale ressaltar que o contexto do refúgio no Brasil e no mundo, assim como as ferramentas de auxílio disponíveis no país para essa população, são importantes para a compreensão da vida que essas pessoas levam como refugiadas.

Além disso, a escolha em relação ao meio digital como suporte para as reportagens e itens hipermidiáticos, se deu pela maior facilidade de divulgação e acesso, a fim de alcançar o máximo de pessoas possível para enxergarem a urgência do tema.

1.1 Justificativa

Em diferentes âmbitos sociais, a distinção de gênero sempre foi pautada por uma sociedade construída em valores patriarcais. Na questão do refúgio, essa

disparidade se mantém, uma vez que os motivos para a solicitação de refúgio de homens e mulheres podem variar de acordo com o gênero. Em contextos de guerras, por exemplo, além da violência física, psicológica e cultural a que todos são submetidos, as mulheres enfrentam ainda algumas problemáticas específicas.

Em 2017, a diretora-executiva do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Natalia Kanem, alertou para a violação dos direitos humanos das mulheres, sendo que uma em cada três mulheres já sofreu algum tipo de violência durante a vida. No caso das mulheres refugiadas, dados de 2017 da ONU, mostram que uma em cada cinco já foram vítimas de violência sexual.

Segundo Schwinn e Costa (2016), o aumento do número de mulheres e meninas que tem se deslocado de seus países, exige um maior esforço da comunidade internacional para sanar as violências as quais estão submetidas. Além disso, levantar o cenário social e psicológico a que essas mulheres estão sujeitas, foi um ponto importante na decisão do tema. Enquanto o homem ainda é visto como o provedor da casa, o papel afetivo e doméstico da mulher se esbarra com as necessidades básicas e imediatas que a situação de refúgio requer.

O objetivo de dar voz às mulheres refugiadas não poderia ser alcançado sem um espaço voltado para isso dentro da série de reportagens. Portanto, decidimos que a inclusão de perfis seria essencial para a nossa finalidade. Junto à isso, a decisão por textos em formato *longform* foi o mais apropriado, visto o aprofundamento que precisaríamos ter em nosso trabalho. A narrativa hipermídia foi pensada como uma forma de dinamizar os conteúdos propostos e utilizar as diversas ferramentas que o jornalismo digital oferece.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Desenvolver uma grande reportagem hipermídia sobre mulheres refugiadas no estado de São Paulo, com intuito de dar visibilidade à elas e às suas necessidades específicas, contribuindo para as discussões relacionadas aos direitos humanos de uma parcela vulnerável da população.

1.2.2 Objetivos específicos

- Contextualizar o crescente fluxo migratório no mundo e no Brasil dos últimos 10 anos;
- Entender os principais motivos que levam as pessoas a solicitarem refúgio;
- Compreender as razões sociais que dificultam a integração de mulheres refugiadas no Brasil;
- Mostrar a realidade de mulheres refugiadas que vivem no estado de São Paulo;
- Contribuir para que as discussões acerca do refúgio tenham recorte de gênero.

1.3 Estrutura do relatório

Este relatório está estruturado em cinco partes: A introdução contextualiza a temática e apresenta os objetivos deste projeto, o Capítulo 2, Gênero e Formato, traz as questões relevantes sobre o TCC. No Capítulo 3 é desenvolvida a metodologia de execução, que explicita a maneira que o trabalho foi executado, desde a escolha do tema, passando pelas entrevistas e chegando à pós-produção. Em seguida, é explanado todo o desenvolvimento do produto, a partir da definição do público-alvo, identidade visual e os custos de execução, no Capítulo 4. Por fim, no Capítulo 5, é apresentada a conclusão final, com as principais dificuldades e contribuições do projeto às autoras durante a produção.

2 GÊNERO E FORMATO

Com o intuito de orientar para a análise e contextualizar o trabalho aqui apresentado, foi elaborada uma fundamentação teórica acerca dos gêneros e formatos que aparecem com mais frequência. As explicações dão credibilidade à série de reportagens e perfis e irão situar o leitor no campo científico do jornalismo. O presente capítulo está dividido em três partes: gêneros, formato e direitos humanos e jornalismo.

2.1 Gêneros

As discussões sobre a definição dos gêneros jornalísticos atravessam décadas e envolvem diversos autores. Medina (2001, p. 47) explica que:

A questão dos gêneros jornalísticos assume um papel importante para a compreensão dos diferentes discursos produzidos pelos meios de

comunicação de massa, pois a preocupação em defini-los tem sido uma inquietação constante entre os estudiosos norte-americanos, europeus e latino-americanos.

Os gêneros jornalísticos têm como função identificar uma determinada intenção, seja ela de informar, interpretar, opinar ou divertir. É importante que o leitor, ao ter contato com uma nota de jornal, por exemplo, tenha consciência de que a função daquele texto é informar; ou ainda, quando ler uma crônica, saiba que a função dela é divertir, sem ter o compromisso com a veracidade das informações.

A função social embutida no Jornalismo é seguida pelos gêneros adotados por ele, de forma que o leitor encontre utilidade no material consumido. Historicamente, o surgimento dos novos gêneros jornalísticos se deu por uma questão de necessidade do público. Para Melo e Assis (2016, p. 49-50), “os gêneros refletem aquilo que os cidadãos querem e precisam saber/conhecer/acompanhar, porque justamente nos gêneros esse público encontra respaldo para suas ações cotidianas ou, mesmo, para o exercício da cidadania.”

Melo e Assis (2016) classificam os gêneros jornalísticos em cinco categorias: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Levando em consideração a existência de diversas definições, Medina (2001, p. 53) conclui que:

Realizar uma classificação universal é praticamente uma tarefa impossível, uma vez que eles estão sempre em mudança, em transformação. O que pode ser um gênero hoje amanhã não será mais ou o que pode ser um gênero em um determinado país não é em uma outra sociedade. Gêneros aparecem, mudam e desaparecem, conforme o desenvolvimento tecnológico e cultural de cada nação e da empresa jornalística. O que é politicamente correto é adaptá-los da melhor forma para suprir as necessidades dos leitores e dos profissionais de imprensa.

Portanto, este trabalho decidiu seguir as classificações de gênero estabelecidas por Melo e Assis (2016), que são adotadas por grande parte dos jornais brasileiros. Por isso, este trabalho contém três gêneros jornalísticos: informativo, interpretativo e opinativo.

Primeiro, é informativo porque refere-se à uma série de reportagens. Nas três grandes reportagens do trabalho, o gênero informativo aparece cumprindo a função de vigilância social, uma vez que são expostas as dificuldades, necessidades e assistências possíveis para pessoas em situação de refúgio no Brasil e no estado de São Paulo. Além disso, nas mesmas reportagens há a inserção do gênero interpretativo através de análises de bases de dados e linha do tempo.

O gênero interpretativo também está presente nos perfis das cinco mulheres refugiadas, que trazem esclarecimentos sobre a história pessoal de cada uma e de que forma tiveram suas vidas afetadas por serem obrigadas a deixarem seus países. Por fim, o editorial, que encontra-se na página inicial do site, pertence ao gênero opinativo, registrando um posicionamento institucional das autoras do projeto.

2.2 Formato

Nesta seção abordaremos as narrativas *longform* em reportagens hipermídia e perfil, dois formatos explorados no trabalho aqui apresentado.

2.2.1 Narrativas *longform* em reportagens hipermídia

Baseada nos conceitos de *longform* apresentados a partir de vários autores, Baccin (2017) conclui que as narrativas jornalísticas hipermídia *longform* apresentam algumas características específicas. Quanto à dimensão da história narrada, refere-se à narrativa longa, que exige intervalo de produção extenso e tempo de leitura prolongado. Quanto aos recursos técnicos envolvidos para contar a história, são necessários um design responsivo, que se adapta aos diversos tamanhos de tela para leitura, além da predominância da verticalização e do efeito “cortina”, que trata-se de quando um texto surge sobre a foto e esta vai sumindo, ou vice e versa. Por fim, quanto aos elementos de qualidade da narrativa, ela pontua a interatividade, multimídia, hipertextualidade, humanização da narrativa, uso de base de dados, imersão, contextualização e aprofundamento do tema.

Em relação à definição de hipertexto, segundo Lévy (1993, p.33), um hipertexto é:

um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (apud MIELNICZUK, 2003, p. 98).

A hipertextualidade é, portanto, característica específica do jornalismo digital, que permite a conexão de textos sobre assuntos relacionados por meio de *links*. Ao ler uma reportagem *online* que contém hipertextualidade, o leitor tem acesso

imediatamente ao conteúdo relacionado, podendo dar continuidade e aprofundando ainda mais o seu conhecimento sobre o tema.

A interatividade é a capacidade de fazer o leitor sentir-se parte do processo jornalístico, que pode acontecer de diversas maneiras: seja pelo contato por e-mail com o jornalista, pela participação em chats ou até mesmo pela hipertextualidade que, segundo Machado (1997) também pode ser classificada como uma situação interativa.

Já a multimídia, segundo Palacios (2003), refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais, tais como texto, imagem e som, na narrativa jornalística. O autor afirma que “A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade.” (2003, p.3)

A narrativa verticalizada é aquela que obriga o leitor a deslizar a barra de rolagem ou *scrolling* para completar a leitura. Para Longhi e Winkes (2015, p.121):

A dimensão narrativa verticalizada tem se destacado com maior frequência nas grandes reportagens multimídia (GRM) e em portais específicos de longform. Em alguns casos, a GRM é também dividida em capítulos ou seções, que possibilitam ao usuário diferentes caminhos de leitura.

É correto pontuar que a narrativa *longform* não é exclusiva do ambiente *online*, uma vez que já foi utilizada em reportagens impressas, televisivas e radiofônicas. Porém, ela permite o aproveitamento das potencialidades do ambiente digital, culminando num produto com características próprias que incorpora o conceito de hipermídia.

A narrativa hipermídia possibilita ainda mais opções de aprofundamento da informação no jornalismo digital. Por isso, ela é complexa e possui diversas características que precisam estar integradas para propiciar uma experiência ideal para o leitor.

2.2.2 Perfis

O perfil pertence ao gênero jornalístico interpretativo (MELO; ASSIS, 2016). Ele é elaborado a partir de uma narrativa que tem como foco momentos específicos da vida de um personagem não-ficcional. No Brasil, começou a ter destaque por

volta dos anos 1960, quando passou-se a dar destaque para figuras de diferentes cenários sociais.

Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), o perfil jornalístico deixa o enfoque para apenas uma pessoa, que é o protagonista da história. Entre os principais atributos do gênero pode-se ressaltar o pleno destaque à pessoa e a eliminação dos pressupostos do jornalismo meramente informativo, com mais liberdade para o uso da subjetividade.

Para os perfis jornalísticos, o tipo mais indicado de entrevista é a chamada entrevista em profundidade. Sobre a classificação, Silva (2009, p. 4) afirma que essa “é a entrevista que não focaliza um tema particular ou evento, mas a representação do mundo construída pelo personagem”.

2.3 Direitos Humanos e Jornalismo

Segundo o artigo 6º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, é dever do jornalista: “I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Uma das formas de defender tais princípios é dando visibilidade aos temas que estejam relacionados aos direitos humanos e denunciando comportamentos que vão contra os tópicos estabelecidos na Declaração.

A abordagem jornalística traz ao cenário público uma nova maneira de ver e reconhecer conflitos e incertezas que envolvem as questões de direitos humanos, como uma tentativa de mudar os padrões vigentes de desigualdade em que se encontram, sendo um aliado quando é necessário divulgar novas exigências de determinada parcela da sociedade.

Fernandes (2002, p. 10) explica que “A visibilidade que o jornalismo dá aos temas dos direitos humanos contribui para que as demandas alcancem um público maior, angariando para a causa novos e maiores apoios”. Por isso, o Jornalismo pode ser considerado um espaço público fundamental para a democracia e para os direitos humanos. Nessa perspectiva é que a temática do refúgio, com recorte de gênero, foi explorada no *Via*.

3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

Neste capítulo apresentaremos as atividades realizadas para a produção do projeto *Via*, desde a pré-produção até a pós-produção. Descreveremos a metodologia de forma cronológica de acordo com o que foi executado desde o início do Trabalho de Conclusão de Curso.

3.1 Pré-produção

Começamos o desenvolvimento deste trabalho pela escolha do formato. A reportagem hipermídia foi a opção escolhida por permitir que trabalhássemos diversas habilidades que aprendemos durante o curso de Jornalismo, além de nos dar maior liberdade na execução. A escolha foi confirmada após as leituras que nos foram indicadas pela Professora Angela Grossi.

Desde a decisão por sermos uma dupla, a ideia era realizar um trabalho com uma temática social que envolvesse mulheres e direitos humanos. A primeira opção era abordar a vida de mulheres que vivem nas ruas. Porém, ao pesquisarmos mais a fundo, encontramos um trabalho recente sobre o tema, que contempla os tópicos que gostaríamos de abordar e que foi realizado por duas jornalistas formadas pela UNESP. Decidimos então pela nossa segunda opção: uma reportagem hipermídia sobre mulheres refugiadas.

Através de uma pesquisa documental na internet, percebemos que não há muito conteúdo voltado especificamente para a temática de mulheres refugiadas e além disso, as informações que existem ficam centralizadas nos mesmos meios de comunicação, já voltados para a questão do refúgio, como o site do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), salvo em acontecimentos marcantes que são divulgados mundialmente e se relacionam com o tema. Porém, encontramos o Projeto *Vidas Refugiadas*¹, que serviu de inspiração para criação do nosso trabalho, despertando a vontade de inserir perfis de algumas mulheres na nossa série de reportagens. A partir daí, fizemos um recorte espacial com foco no estado de São Paulo.

Logo no início criamos uma pasta compartilhada no Google Drive para gerir a nossa produção, com o objetivo de que todas as fases e processos do desenvolvimento do trabalho pudessem ser encontradas facilmente. Com o tema e o formato definidos em 24 de janeiro de 2019, iniciamos o levantamento de pautas,

¹ Disponível em: <http://vidasrefugiadas.com.br/>. Acesso em 17 de maio de 2019.

encaixando os eixos que havíamos listado em quatro pautas principais, chamadas inicialmente de: histórico, assistências, identidade e perfis. O desenvolvimento de todas as pautas foi realizado em conjunto, incluindo a escolha das fontes. Nesse período também buscamos por colaboradoras para nos ajudar com a edição dos vídeos e criação das ilustrações.

Estabelecemos quem iria entrar em contato com quais fontes de forma que as duas pudessem ter proximidade com todas as pautas, já que a ideia era escrever as reportagens em conjunto. As atualizações sobre o andamento do contato eram sinalizadas com anotações na própria área destinada às fontes na pauta. O momento desde a criação e organização das pautas até o agendamento das entrevistas foi a parte que levou mais tempo.

Como a maioria das nossas fontes eram da cidade de São Paulo, organizamos as datas das entrevistas de forma que todas fossem próximas para que pudessemos realizá-las com apenas uma ida à cidade. Conseguimos encaixá-las em 10 dias corridos, que foram de 15 a 24 de março de 2019. Fora isso, realizamos uma entrevista presencial em Bauru, no início de abril, com uma das mulheres refugiadas, além das outras entrevistas por Skype ao longo dos meses. Ambas estivemos presentes durante todas as entrevistas realizadas presencialmente ou por Skype.

Na semana anterior à viagem para São Paulo, organizamos todos os materiais que seriam necessários, testamos o funcionamento das câmeras e do microfone e também realizamos testes para definir o estilo de fotografia das mulheres entrevistadas.

3.2 Produção das reportagens

Apesar de termos definido que as entrevistas presenciais seriam prioridade, algumas foram impossibilitadas por diversos motivos, como distância ou disponibilidade de datas e horários. Sabendo que isso poderia acontecer, optamos por definir as datas das entrevistas das mulheres refugiadas primeiro, a fim de escrever os perfis de forma mais fidedigna, levando em consideração as nossas observações durante a entrevista, os gestos das mulheres e seus comportamentos.

Buscamos por fontes com credibilidade em diversas áreas, sempre dando preferência para a fala de mulheres, já que o nosso trabalho tenta trazer questões voltadas ao gênero feminino para discussão. No caso das instituições, não foi

possível realizar essa seleção por gênero, já que elas possuem porta-vozes específicos, que são muitas vezes homens.

No total, foram realizadas nove entrevistas presenciais, três visitas monitoradas, duas entrevistas por Skype e uma entrevista por e-mail. Todas as entrevistas presenciais foram realizadas na cidade de São Paulo, com exceção da Mary Boada, que foi entrevistada em Bauru.

Abaixo está a lista de fontes que colaboraram para a conclusão desta série de reportagens, em ordem alfabética:

1. Alanna Alessia, acadêmica em Direito e pesquisadora do tema Direito Internacional e Direitos Humanos. (E-mail)
2. Berenice Young, mestre em psicologia social e doutora em desenvolvimento humano pela USP. (Presencial)
3. Débora Blair, coordenadora pedagógica do LAR - Levando Ajuda ao Refugiado, projeto da Associação Compassiva. (Presencial)
4. Gabriela Cunha Ferraz, advogada, mestre em direitos humanos e realizadora do projeto *Vidas Refugiadas*. (Skype)
5. Gustavo Huppés, assessor do Programa Espaço Democrático da Conectas. (Skype)
6. João Chaves, Defensor Público Federal da Defensoria Pública da União de São Paulo. (Presencial)
7. Luane, responsável pela equipe de visita do Instituto de Reintegração do Refugiado (ADUS). (Visita monitorada)
8. Maguy Makaya, refugiada congoleza há 8 anos no Brasil. (Presencial)
9. Mary Boada, refugiada venezuelana há 8 meses no Brasil. (Presencial)
10. Nilton Carvalho, assessor de comunicação do Centro de Referência para Refugiados de São Paulo. (Visita monitorada)
11. Nisreen Zahloul, refugiada síria há 3 anos no Brasil. (Presencial)
12. Nkechinyere Jonathan, refugiada nigeriana há 5 anos no Brasil. (Presencial)
13. Prudence Kalambay, refugiada congoleza há 11 anos no Brasil. (Presencial)
14. Salsabil Matouk, refugiada síria há 4 anos no Brasil. (Presencial)
15. Wellington Barros, auxiliar administrativo da Missão Paz. (Visita monitorada)

Duas instituições citadas nas reportagens, o Amparo Maternal e o Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI), não foram entrevistadas pois não conseguimos entrar em contato. Porém, foram entidades citadas por várias pessoas com quem conversamos como sendo grandes referências nas respectivas áreas. Portanto, decidimos realizar uma pesquisa documental na internet e as informações que constam no texto foram retiradas dos sites oficiais das instituições. Também tiramos informações do site da Polícia Federal sobre o passo a passo para solicitação de refúgio no Brasil.

Não conseguimos entrevista com o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), que são organizações que tratam diretamente do tema de refúgio no Brasil e no mundo, respectivamente. Porém, as entidades possuem materiais bastante completos nos meios digitais, que utilizamos principalmente para consultar suas bases de dados. Outros dados foram retirados do banco interativo *online* com informações do Atlas Temático do Observatório das Migrações criado pelo Núcleo de Estudos da População 'Elza Berquó' (Nepo) da Unicamp.

Depois que todas as entrevistas foram realizadas, dividimos o material e fizemos as transcrições dos áudios. A partir disso, revisamos o roteiro das reportagens que havia sido estabelecido nas pautas, indicando onde entraria cada parte. Iniciamos a produção das reportagens pelos perfis das mulheres refugiadas, que incluem também o contexto histórico das guerras nos países de origem de cada entrevistada.

Feito isso, iniciamos a produção dos textos de acordo com a ordem sugerida de leitura: histórico (A Travessia), assistências (A acolhida) e identidade (A identificação). Também separamos os dados e informações que constam nos gráficos, infográficos e boxes. No final, foram produzidas três reportagens e cinco perfis, totalizando aproximadamente 83 mil caracteres. Além disso, também escrevemos o editorial para o site e um glossário com os principais termos e organizações voltadas ao tema.

3.3 Pós-produção

Com as reportagens finalizadas, passamos para a revisão dos textos, que foi realizada juntamente com a Professora Angela.

As ilustrações das mulheres refugiadas foram feitas digitalmente pela artista Raquel Silveira com os softwares da Adobe. Realizamos uma reunião por Skype para explicar a nossa ideia e enviamos algumas referências.

Para a edição dos vídeos, contamos com a ajuda de três alunas de RTVI. A Thaís Bruschi ficou responsável pelo vídeo de dados em *motion graphic*. Ela seguiu o roteiro que nós desenvolvemos e utilizou as ilustrações que também foram feitas pela Raquel. Nesse período, a comunicação entre nós e as duas meninas foi realizada por meio de um grupo no WhatsApp criado com essa finalidade, já que ambas não residem em Bauru. Também realizamos uma reunião por Skype, a fim de explicar nosso projeto e conferir a viabilidade das nossas ideias.

A Anna Souza foi responsável pelos vídeos das mulheres que estão na categoria “Perfil”. Ela editou 5 vídeos referentes às mulheres, com base na decupagem e roteiro que criamos. A reunião para alinhar como seria a estética dos vídeos foi realizada pessoalmente e entregamos os arquivos brutos em um HD externo de uso pessoal. Mantivemos o contato via WhatsApp, sempre recebendo atualizações e prévias da versão final. Ela editou todos os vídeos e, por último, acrescentou as legendas. Nesse período, realizamos mais uma reunião presencial, para assistir todas as edições completas e pontuar alguns ajustes finais que deveriam ser feitos.

Já os vídeos das entrevistas do João Chaves, Débora Blair e Berenice Young que estão nas reportagens principais, foram editados pela Julia Montserrat. Como ela reside em São Paulo, toda a comunicação foi realizada pelo WhatsApp. As três editoras e a ilustradora tinham acesso às pastas do Google Drive, onde poderiam encontrar todos os arquivos necessários para realização das suas tarefas, incluindo o manual de identidade visual do projeto.

As fotos foram previamente editadas pela aluna Sofia Hermoso e tratadas utilizando o Adobe Lightroom. Ao mesmo tempo em que os vídeos estavam sendo finalizados, nós desenvolvemos o relatório. O conteúdo teórico já havia sido lido e fichado no semestre anterior, com exceção de alguns textos novos sugeridos pela Professora Michelle Braz. Enquanto o relatório era revisado pela orientadora, nós criamos o site na plataforma Wix. O domínio já havia sido comprado com antecedência, assim que escolhemos o nome do projeto e a hospedagem foi comprada durante o desenvolvimento do site. O site foi desenvolvido seguindo toda

a identidade visual estabelecida pela designer Nathalia Cabral, pensando também na responsividade.

Criamos os arquivos audiovisuais, como infográficos, boxes, gráficos em plataformas gratuitas de edição, como Canva e Infogram e separamos os áudios que seriam utilizados dentro das reportagens. As edições dos áudios foram realizadas em um editor de áudio online.

Com a intenção de divulgar o nosso trabalho e de dar visibilidade para o tema, criamos uma página no Facebook e um perfil no Instagram (@projetovia), mas a movimentação nas redes sociais só terá início após a entrega do relatório para a banca.

4 CARACTERÍSTICAS DO PRODUTO

Neste capítulo são apontadas as principais características da reportagem hipermídia “Via”. O produto foi pautado a partir da escolha do tema, que culminou na definição do público-alvo e do projeto gráfico. Também são apresentados neste capítulo os custos de execução.

4.1 Público-alvo

Pensando em atingir nossos objetivos geral e específicos, a reportagem multimídia “Via” tem como público-alvo homens e mulheres de classe média a alta, entre 20 e 40 anos e que estejam cursando a universidade ou que já sejam graduados. Para o briefing também informamos características que constroem uma persona, incluindo os lugares que frequentam: universidade, livrarias, cinema, museus e shoppings. São pessoas que se interessam por temas ligados à direitos humanos e minorias sociais.

As escolhas foram baseadas levando em consideração que (1) os leitores precisam ter acesso à internet; (2) precisam saber que existem refugiados no mundo; (3) precisam se interessar verdadeiramente pelo tema, já que é uma reportagem extensa.

4.2 Projeto gráfico

Para a criação do projeto gráfico, tivemos a ajuda da designer Nathalia Maldonado Cabral, que a partir das inspirações que compilamos em uma pasta no

site Pinterest e do briefing que realizou com nós duas, desenvolveu o logotipo do projeto e um manual de identidade visual, com informações como a tipografia padrão e a paleta de cores.

O logotipo teve as definições da palavra “via” como inspiração. A tipografia onde lê-se “via” é o elemento principal, estando ao centro. Além disso, a própria palavra transforma-se, remetendo ao formato oval de um olho. Através desse logo, que apresenta-se traçado em apenas uma linha, transmitimos a mensagem literal da palavra: “caminho que parte de um ponto conduzindo a outro ponto”. A cor como segundo plano enfatiza ainda mais a sensação de profundidade de um olhar. Além da versão colorida do logotipo, também foram criadas as versões monocromáticas branca e preta.

Figura 1 - Logotipo oficial do projeto *Via*



Fonte: Manual de identidade visual desenvolvido por Nathalia Cabral para o projeto *Via*.

A paleta de cores foi desenvolvida com base no briefing, em que juntamos os nossos gostos pessoais com o significado das cores escolhidas. Tivemos a preocupação de optar por cores que não remetem à nenhuma nacionalidade, já que o tema pede sensibilidade nesse quesito.

Segundo as orientações estabelecidas pela designer Nathalia Cabral, as cores principais devem ser priorizadas e as cores de apoio devem ser utilizadas com moderação, seguindo um bom senso.

Figura 2 - Paleta de cores



Fonte: Manual de identidade visual desenvolvido por Nathalia Cabral para o projeto *Via*.

Foram escolhidas duas famílias tipográficas que harmonizam em conjunto: Quicksand e Dhenmark. A família de fontes Quicksand deve ser utilizada em qualquer aplicação de texto corrido da marca, seja site, materiais gráficos, meios digitais, etc. Ela possui quatro variações: Bold, Light, Medium e Regular, que ajudam a garantir a hierarquia dos textos. A Dhenmark só possui a variação Regular e deve ser utilizada em qualquer aplicação de título da marca. Seu tamanho deve ser significativamente maior que a fonte de texto corrido, para facilitar leitura e entendimento.

4.3 Custos de execução

O maior custo que tivemos foi com o transporte e alimentação nos 10 dias que ficamos em São Paulo para realização de algumas entrevistas. Como ficamos hospedadas na casa de uma amiga, não tivemos que custear a hospedagem.

O segundo maior investimento foi com o pagamento da artista Raquel Silveira que realizou as ilustrações das mulheres refugiadas e os ícones que estão presentes

no vídeo de abertura, ambos disponíveis no site do projeto. Todas as outras pessoas que ajudaram na realização do trabalho foram voluntárias.

Todos os equipamentos utilizados para a realização do projeto já eram nossos de uso pessoal ou conseguimos emprestado de amigos. Os gastos com o trabalho foram divididos igualmente.

Tabela 1 - Gastos do projeto

Descrição	Valor
Domínio do site por 1 ano	R\$ 40,00
Hospedagem do site por 1 ano	R\$ 174,00
Locomoção em São Paulo (metrô)	R\$ 184,80
Impressão do relatório	R\$ 30,00
Ilustrações	R\$ 500,00
Caronas de ida e volta para São Paulo	R\$ 240,00
Alimentação em São Paulo	R\$ 723,00
TOTAL	R\$ 1.891,80

Fonte: Produzida pelas autoras (2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho foi essencial para o nosso crescimento pessoal e profissional. Como a temática de direitos humanos e o recorte de gênero é um assunto de gosto pessoal de nós duas, foi extremamente benéfico juntar o útil ao agradável no momento de conclusão do curso de Jornalismo.

Durante as entrevistas, principalmente com as mulheres refugiadas que se tornaram nossas principais personagens do trabalho, alguns relatos foram bastante chocantes e nos afetaram de uma forma que não esperávamos quando escolhemos falar sobre o assunto. No entanto, foi esclarecedor para entendermos que nossa visão de mundo era muito estreita perto da extensão de mundo existente.

A abundância de informações coletadas foi uma problemática no que diz respeito à seleção do material para o desenvolvimento das reportagens. Além disso, mesmo com o levantamento de dados e pesquisas diversas sobre o refúgio, ao entrevistarmos mulheres de diferentes lugares do mundo, concluímos que teríamos

muito o que trabalhar em relação à nossa própria vivência como mulheres privilegiadas, ocidentais, brancas e de classe média. O recorte de gênero foi escolhido justamente pela identificação pessoal, mas outras barreiras culturais, como a língua, por exemplo, foram marcantes no processo de desenvolvimento do trabalho.

Além disso, a questão de enfrentar o desconhecido e, muitas vezes, o mal-estar causado por ele, mostrou-se verdadeira durante as experiências na realização deste projeto, tanto no âmbito pessoal, quanto pela observação das reações alheias.

Um dos maiores desafios foi a construção de reportagens especializadas sem deixar de lado a sensibilidade que o tema pede. Sabemos que, como futuras jornalistas, é nosso dever dar voz à toda a parcela invisibilizada e/ou marginalizada da população, seja nativa ou não. Concordamos que assumir essa responsabilidade e trazer à tona relatos por vezes chocantes, seria essencial para o encerramento do curso de Jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. **Conflito da Síria entra em seu nono ano; crise humanitária ainda está longe do fim.** Nações Unidas. 01/04/2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conflito-da-siria-entra-em-seu-nono-ano-crise-humanitaria-ainda-esta-longo-do-fim/>> Acesso em: 05 mai. 2019.

ACNUR. **Número de refugiados e migrantes da Venezuela no mundo atinge 3,4 milhões.** Nações Unidas. 27/10/2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-no-mundo-atinge-34-milhoes/>>. Acesso em 08 em mai. 2019.

ACNUR. **Qual a diferença entre refugiados e migrantes?** Nações Unidas. 24/11/2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/>> Acesso em: 06 mai. 2019.

BACCIN, Alciane. A narrativa longform em reportagens hipermídia. Trabalho apresentado no 13º Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo da SBPJor. Campo Grande, 2017. **Estudos em Jornalismo e Mídia.** V. 14, n. 1, Janeiro a Junho de 2017.

BAENINGER, R; FERNANDES, D. M. (Org.); DEMÉTRIO, N. B.; DOMENICONI, J.; QUINAGLIA, M. C.; SIMAI, S. (Co-Org.) **Atlas Temático Observatório das Migrações em São Paulo: Migração Refugiada.** Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População 'Elza Berquó' – Nepo/Unicamp, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF, 27 jul. 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm>. Acesso em 14 mai. 2019.

COGO, Denise Maria; SOUZA Maria Badet. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores.** Bellaterra : Instituto Humaitas Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013.

CRUZ, Fernanda. **ONU lança site para ajudar refugiados a encontrar emprego no Brasil.** AGÊNCIA BRASIL. 03/04/2019. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-04/onu-lanca-site-para-ajudar-refugiados-encontrar-emprego-no-brasil>>. Acesso em: 7 mai. 2019.

FAUSTO, Boris. Imigração: Cortes e Continuidades. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz Schwarcz. **História da Vida Privada no Brasil,** V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FERNANDES, Adélia Barroso. Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25., 2002, Salvador. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2002.

Disponível em:
<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145134406368497586467557075036965428965.pdf>> Acesso em 25 mar 2019.

MIGRAÇÕES, REFÚGIO E APATRIDIA: Guia para Comunicadores. São Paulo, [s.n]. 1ª edição, 2019. Disponível em:
<http://www.ficas.org.br/dv_files/midias/20190503142915_dbarquivos.pdf>. Acesso em 10 mai 2019.

LIMA, João Brígido Bezerra ... [et al.]. **Refúgio no Brasil: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados** (1998 - 2014). Brasília: Ipea, 2017.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 1, p. 110-127, 2015.

LOPES, Edvaldo. E. **Solicitação de Refúgio**. Polícia Federal. 23/05/2017. Disponível em: <<http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/refugio>>. Acesso em: 6 mai. 2019.

MACHADO, Arlindo. Hipermídia: o labirinto como metáfora. In: DOMINGUES, Diana. (org.) **A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias**, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**. São Paulo, V. 39, n.1. p. 39-56. Jan-Abr, 2016. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>>. Acesso em 20 mar 2019.

MARTINS, Helena. **Primavera árabe modificou perfil dos refugiados no Brasil, aponta estudo do Ipea**. AGÊNCIA BRASIL. 26/09/2017. Disponível em:
<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-09/primavera-arabe-modificou-perfil-dos-refugiados-no-brasil-aponta>>. Acesso em 14 mai. 2019.

MEDINA, Jorge. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**, ano V, n.1, Janeiro a Junho de 2001. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em: 19 mai. 2019.

MIELNICZUK, Luciana. Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. 246 f. **Tese (Doutorado em Comunicação)**. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6057>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online**: o lugar da memória. Modelos do jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003.

RUIC, Gabriela. **5 pontos para entender a crise na Venezuela**. EXAME. São Paulo, 13/05/2017. Disponível em:

<<https://exame.abril.com.br/mundo/5-pontos-para-entender-a-crise-na-venezuela/>>. Acesso em: 8 mai. 2019.

SCHWINN, Simone Andrea; COSTA, Marli Marlene Moraes da. Mulheres refugiadas e vulnerabilidade: A dimensão da violência de gênero em situações de refúgio e as estratégias do ACNUR no combate a essa violência. **Revista Signos**, Lajeado, ano 37, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1100/1071>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro. **Revista Eletrônica Temática**, ano V, n. 10, 2009.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem** - notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

UNHCR. **Global Trends: Forced displacement in 2017**. Genebra, UNHCR, 2018. Disponível em: <<https://www.refworld.org/docid/5b2d1a867.html>>. Acesso em 10 mai 2019.

APÊNDICES

1 Pautas ampliadas

PAUTA 1

Repórteres:	Data:	Retranca:
Amanda Casagrande e Sofia Hermoso	30/01/2019	Histórico do refúgio no Brasil e no mundo
Resumo informativo		
<p>Refugiados são pessoas que foram obrigadas a deixar seus países por grave violação de direitos humanos ou ainda por ter sofrido perseguição em razão de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais e/ou devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados. Desde os conflitos iniciados durante a Primavera Árabe, o aumento nos níveis de deslocamento dos países atingidos gerou uma onda de refugiados no mundo.</p> <p>No Brasil, menos de 1% da população é imigrante, mas segundo dados do Relatório anual 2018 - Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil (ObMigra), o país vem recebendo pessoas das mais diversas regiões do mundo. O relatório mostrou que “A migração venezuelana, que desde 2015 aporta fluxos migratórios crescentes ao Brasil, se destaca entre os trabalhadores regulares, sendo, no primeiro semestre de 2018, a primeira nacionalidade em emissão de carteiras de trabalho.”</p> <p>Os casos de migração e refúgio trouxeram desafios para o governo brasileiro na gestão de políticas migratórias, e também para as diversas instituições, ONGs e sociedade civil, que cumprem papel histórico na acolhida dos imigrantes.</p> <p>A proposta de governo do atual presidente Jair Bolsonaro (PSL) não contempla nenhuma ação voltada para refugiados no geral. Porém, no ano de 2018, ele sugeriu durante uma cerimônia militar no Rio de Janeiro a criação de campos de refugiados para atender os venezuelanos que saem do seu país de origem rumo ao Brasil.</p>		
Proposição		
<p>Explicar as diferenças entre os termos: migração, refúgio, apatridia, asilo político. Contextualizar o histórico dos refugiados no Brasil utilizando dados. Pontuar os passos para o processo de regularização do status de refugiado. Explicar a atual situação dessa população perante o governo vigente.</p>		
Recorte		
<p>a) Foco: Dados sobre refúgio e direitos dos refugiados no Brasil. b) Enfoque: Contexto, Direitos e Leis.</p>		

Fontes de informação

CONARE - Comitê Nacional para Estrangeiros

Endereço: Rua Otto Alencar, nº 270, Bairro do Cambuci, São Paulo (SP)

Coordenador: Bernardo Laferté

Alanna Alessia

Pesquisadora em Direito Internacional e Direitos Humanos

Instagram: @alannalessia

ACNUR - Agência da ONU para Refugiados

<https://www.acnur.org/portugues/category/imprensa/>

Assessor de imprensa: Luiz Fernando Godinho

Defensoria Pública da União em São Paulo (DPU/SP)

Assessoria de imprensa: Gustavo Damásio | Contato: ascom.sp@dpu.def.br

Defensor Público Federal: João Chaves

Endereço: Rua Teixeira da Silva nº 217 – Paraíso, São Paulo/SP

Sugestões de perguntas

CONARE/ ACNUR:

- Qual é o papel que cabe ao Brasil no cenário mundial de crise migratória?
- O país tem estrutura suficiente para acolher todos que necessitam?
- Como funciona o processo de regularização dos refugiados?
- O que acontece quando uma pessoa tem o pedido de refúgio negado?
- Qual a porcentagem de mulheres e meninas entre os refugiados no Brasil no último ano? Esse número tem crescido?
- Quais são os principais motivos que levam essas mulheres a deixarem seus países?
- Quais estratégias são utilizadas para diminuir a vulnerabilidade dessas mulheres no país?
- Se a mulher refugiada sofre algum tipo de violência, quais órgãos ela pode recorrer para pedir ajuda?
- As mulheres que chegam grávidas ou com crianças de colo possuem algum tipo de assistência específica?
- Recentemente houve a saída do Brasil do Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular. O que isso causa de impacto para o país e para os migrantes?

Defensoria Pública:

- Qual é o foco do trabalho realizado pela Defensoria Pública para os refugiados? Como essas pessoas chegam até vocês?
- Quem decide se uma pessoa vai ter o pedido de refúgio aceito ou negado?
- O que acontece quando uma pessoa tem o pedido de refúgio negado?
- Existe alguma diferença no tratamento entre homens e mulheres refugiadas?
- A Lei da Imigração foi regulamentada e entrou em vigor em 21 de novembro de 2017, substituindo o Estatuto do Estrangeiro. Do que ela trata especificamente?

- Recentemente o Brasil desvinculou-se do Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular, que havia sido adotado em dezembro de 2018 visando tornar as migrações mais seguras e dignas para todos. Em que essa decisão implica?
- Existem dados específicos sobre mulheres refugiadas no Estado de São Paulo?
- Quando essas mulheres chegam grávidas ou acompanhadas apenas dos filhos, existe algum tipo de assistência específica?
- Existe algum caso em que o refugiado pode ser deportado?

Descrição

Abordagem Macroambiental: Contextualizar a situação dos refugiados no mundo, com o apoio de dados, abordando a crise migratória a partir da Primavera Árabe.

Ambiental: Abordar a situação de refugiados no Brasil, começando a dar ênfase aos dados e informações a partir de um recorte de gênero, focado em mulheres.

Microambiental: Inserir informações específicas sobre as mulheres refugiadas no estado de São Paulo.

Nanoambiental: Falar sobre o comportamento do governo atual em relação aos refugiados, citando a saída do Pacto Global para Migração.

Recursos gráficos previstos

- Infográfico com ícones sobre o passo a passo do processo de regularização.
- Linha do tempo com as principais leis de refúgio no Brasil.
- Vídeo narrado com dados sobre refugiados no Brasil e no mundo.
- Vídeo de entrevista.

Links de apoio

Bolsonaro cogita criação de campo de refugiados para venezuelanos - Agência Brasil
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-11/bolsonaro-cogita-criacao-de-campo-de-refugiados-para-venezuelanos>

RefugiadAs - TV Brasil
<http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2018/03/refugiadas>

Lei de Migração (2017), que substitui o Estatuto do Estrangeiro
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm

Saiba tudo sobre o Pacto Global para Migração:

PAUTA 2

Repórter:	Data:	Retranca:
Amanda Casagrande e Sofia Hermoso	30/01/2019	Assistências para mulheres refugiadas
Resumo informativo <p>“É inegável que as oportunidades e experiências oferecidas às mulheres são diferenciadas de acordo com o nível social reservado a elas na sociedade (Stolcke, 2006, p. 33). Este é um ponto que não tem mudado na evolução da história. Destaca-se também que a mulher foi construída como o segundo sexo, a servir numa ordenação hierárquica dentro de uma lógica patriarcal e legitimar a autoridade masculina. Essa lógica racional patriarcal pela desigualdade leva à convicção contemporânea de que a agressão é de natureza masculina e a passividade feminina. E sendo assim, de algum modo, a conformação à passividade feminina versus a natureza violenta do homem se justifica em diferentes culturas na contemporaneidade. Contudo, uma vez que as possibilidades de oportunidades e experiências evoluem, novos arranjos e progressos sociais são oferecidos e assim alcançados.” Daianne Rafael Vieira, Pós-graduanda do programa de Mestrado em Antropologia da UFPE.</p>		
Proposição <p>Falar sobre as assistências existentes no Brasil para mulheres refugiadas nos âmbitos: saúde (gravidez), educação, mercado de trabalho, moradia e direitos. Apadrinhamento de refugiados e como ajudar ONGs de apoio.</p>		
Recorte <p>a) Foco: Duas maiores necessidades das mulheres refugiadas quando chegam ao Brasil, que são o aprendizado da língua e a inserção no mercado de trabalho.</p> <p>b) Enfoque: ONGs, Apoio e Língua portuguesa.</p>		
Fontes de informação <p>Conectas - Direitos Humanos https://www.conectas.org/</p> <p>PARR https://www.refugiadosnobrasil.org/</p> <p>Endereço: Rua José Bonifácio, 107 1º andar - Sé São Paulo, SP</p>		

ADUS - Instituto de Reintegração do Refugiado

<http://www.adus.org.br/sobre/>

Endereço: Avenida São João, 313, 11 Andar, Centro

CEP: 01035-000 – São Paulo/SP

Casa do Migrante - Missão Paz

<http://www.missaonspaz.org/conteudo/estrutura-e-convivencia>

Coordenador: Pe. Paolo Parise

Caritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP)

<http://www.caritassp.org.br/centro-de-referencia-para-refugiados/>

Endereço: Rua José Bonifácio, nº 107, 2º andar

Centro - São Paulo - SP

CRAI - Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/migrantes/crai/

Endereço: Rua Major Diogo, 834, Bela Vista

Associação Compassiva

Endereço: R. da Glória, 900 - Liberdade, São Paulo - SP

Debora Blair

Projeto Vidas Refugiadas

<http://vidasrefugiadas.com.br/>

Sugestões de perguntas

Para Casa do Migrante:

- Como e quando surgiu a Casa do Migrante?
- Que tipo de apoio vocês oferecem aos migrantes?
- Quantas pessoas vocês recebem em média? São em sua maioria homens ou mulheres? Delas, quantas são mulheres refugiadas?
- Quais são as principais dúvidas ou necessidades de quem procura por vocês?
- Para receber abrigo na Casa do Migrante, o que é preciso fazer?
- Como outras pessoas podem ajudar?
- No site de vocês, os últimos dados de atendimento da Casa do Migrante são de 2016. Vocês têm os dados mais recentes, de 2018?
- Existe uma comunidade religiosa na equipe da Casa. Como ela funciona?

Para Projeto Vidas Refugiadas:

- Como surgiu a ideia da projeto? Por que falar especificamente de mulheres?
- Quais são as leis existentes no Brasil atualmente que trata sobre refugiados?
- O que acontece quando uma pessoa tem o pedido de refúgio negado?

- Existe alguma lei específica para mulheres refugiadas? Existe alguma diferença no tratamento entre homens e mulheres refugiadas?
- Existem dados sobre refugiadas violentadas (física, sexual ou psicologicamente) no Brasil?
- Existe algum caso em que o refugiado pode ser deportado?
- Quais são os principais motivos que levam as mulheres a deixarem seu país de origem?
- Quais estratégias são utilizadas para diminuir a vulnerabilidade dessas mulheres no país?
- Se a mulher refugiada sofre algum tipo de violência, quais órgãos ela pode recorrer para pedir ajuda?
- As mulheres que chegam grávidas ou com crianças de colo possuem algum tipo de assistência específica?
- Recentemente houve a saída do Brasil do Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular. O que isso causa de impacto para o país e para os migrantes?
- Quais foram as principais mudanças com a Lei da Migração de 2017? No que ela se diferencia do Estatuto dos Estrangeiros que havia anteriormente?
- Como funciona a validação do diploma de ensino superior de refugiadas no Brasil?
- Quais são as principais dúvidas e dificuldades das mulheres refugiadas em relação ao trabalho no Brasil?

Descrição

Abordagem Macroambiental: Contextualizar a situação dos refugiados no mundo, com o apoio de dados, abordando a crise migratória nos países.

Ambiental: Abordar a situação de refugiados no Brasil, começando a dar ênfase aos dados e informações a partir de um recorte de gênero, focando em mulheres.

Microambiental: Levantar informações sobre as ONGs de apoio e assistência às mulheres refugiadas no estado de São Paulo.

Nanoambiental: Escolher um tipo de assistência para abordar com maior profundidade na reportagem (Ex: aprendizagem da língua portuguesa).

Recursos gráficos previstos

- Box com informações sobre como ajudar as instituições
- Vídeo de entrevista
- Fotos dos locais visitados

Links de apoio

“Empoderando refugiadas” encerra segunda edição com 21 contratações no setor privado
<http://www.onumulheres.org.br/noticias/empoderando-refugiadas-encerra->

segunda-edicao-com-21-contratacoes-no-setor-privado/

Mulheres refugiadas no Brasil participam de projeto que promove inserção no mercado de trabalho - ONU News

<https://news.un.org/pt/story/2018/11/1647291?fbclid=IwAR0jB6B0u6LcVZ1h3r7ZLXif79KBkRksfnGvGsW3aiaXSrrC7-C8GVgMILY>

Cartilha Cáritas

[http://caritas.org.br/wp-](http://caritas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/CARTILHA_PARA_REFUGIADOS_NO_BRASIL_FINAL.pdf)

[content/uploads/2013/09/CARTILHA_PARA_REFUGIADOS_NO_BRASIL_FINAL.pdf](http://caritas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/CARTILHA_PARA_REFUGIADOS_NO_BRASIL_FINAL.pdf)

PAUTA 3

Repórter:	Data:	Retranca:
Amanda Casagrande e Sofia Hermoso	30/01/2019	Identidade e cultura
Resumo informativo		
<p>Até alguns anos atrás, era comum que os brasileiros acreditassem que refugiados eram criminosos ou fugitivos da justiça e, por isso, essas pessoas nem sempre eram aceitas. A situação não foi totalmente sanada, mas o trabalho realizado pela ONU e por diversas ONGs para levar informação e esclarecer mitos em relação ao tema, melhorou a visão da população em relação aos refugiados. Porém, a dificuldade de aceitação do recém-chegado é um problema universal, visto que o diferente incomoda. Longe de seus países de origem, os refugiados precisam lidar com a desconfiança e o preconceito brasileiro, além do choque cultural.</p> <p>“As experiências que levam pessoas de diversas nacionalidades a solicitarem refúgio, abandonando seus países de origem, geralmente envolvem fatores com potencial de desencadear desordens mentais, como: Depressão e Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT), entre outros distúrbios. Violências diversas, tortura, massacres, morte de parentes e amigos são circunstâncias traumáticas às quais muitos refugiados são expostos. Fome e perdas de bens também são frequentes nessa população, além do choque sociocultural no país de refúgio.” (Introdução da pesquisa “A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre os estudos qualitativos)</p>		
Proposição		
<p>Abordar a questão da xenofobia no Brasil e o mito da cordialidade brasileira, linkando com o racismo. Trazer os questionamentos de como a situação de</p>		

refúgio afeta a saúde mental dos refugiados, em especial das mulheres, levantando em consideração o gênero e a orientação sexual. Exemplificar como as refugiadas mantêm suas culturas estando em um país diferente.

Recorte

- a) **Foco:** Discutir quais são os principais problemas enfrentados pelas mulheres refugiadas a partir do contato com uma cultura diferente.
- b) **Enfoque:** Xenofobia, Racismo, Cultura e Saúde mental.

Fontes de informação

Berenice Young

Possui graduação em Psicologia pela Universidad Peruana Cayetano Heredia (Lima, Peru, 1998), mestrado em Psicologia Social e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade São Paulo (2007 e 2014, respectivamente). Tem experiência social comunitária em projetos interdisciplinares de Educação Popular para populações urbano- periféricas, na terapia de famílias, grupos e a partir de 1998, no campo de estudos da migração na cidade de São Paulo. É psicóloga do Serviço Psicossocial do Eixo Saúde na Missão Paz.

Prudence Kalambay - modelo (miss em 2004 no Congo) / artista / ativista dos direitos humanos / palestrante / refugiada congoleza

Instagram: @prudencekalambay

Sugestões de perguntas

Para Berenice - psicóloga:

- Existe um panorama geral da saúde mental dos refugiados do Brasil? Quem faz esse acompanhamento e como ele pode ser encontrado?
- Quais os maiores transtornos psicológicos percebidos em quem está em situação de refúgio?
- Existe algum grupo mais vulnerável psicologicamente entre os refugiados?
- De que forma se diferenciam os medos e transtornos de homens e mulheres refugiadas?
- A diferença cultural entre o país de origem e o Brasil influencia na saúde mental dessas mulheres?
- Pesquisando sobre o assunto, vimos que, muitas vezes, as refugiadas acabam bloqueando o sofrimento pelo qual passaram. Esse sentimento se manifesta de alguma outra forma?
- Como situações de xenofobia podem afetar os refugiados?
- Sabemos que é uma dificuldade para essas pessoas conseguir validar o seu diploma no Brasil e elas acabam muitas vezes tendo que atuar em áreas menos reconhecidas e com salários muito inferiores do que recebiam em seu país de origem. Essa situação pode influenciar o psicológico dessas pessoas? De que forma?
- Existem casos em que o refúgio atua positivamente na saúde mental? Quais são essas situações?

<p>Descrição</p> <p>Abordagem Macroambiental: Contextualizar a situação dos refugiados no mundo, com o apoio de dados, abordando a crise migratória nos países.</p> <p>Ambiental: Abordar a situação de refugiados no Brasil, começando a dar ênfase aos dados e informações a partir de um recorte de gênero, focando em mulheres.</p> <p>Microambiental: Como as mulheres refugiadas no estado de São Paulo se sentem vindo ao Brasil, no quesito psicológico, abordando a saúde mental, o sentimento de pertencimento e situações de xenofobia.</p> <p>Nanoambiental: Abordar um dos itens com maior profundidade (psicológico).</p>
<p>Recursos gráficos previstos</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Áudio ● Vídeo de entrevista ● Fotos ● Gráficos de dados
<p>Links de apoio</p> <p>A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832017000200297&script=sci_arttext</p> <p>Hack the city: visibilidade aos refugiados invisíveis - National Geographic https://www.nationalgeographicbrasil.com/video/tv/hack-city-visibilidade-aos-refugiados-invisiveis-0</p> <p>Camaronesas são maioria que pedem refúgio no Brasil por serem lésbicas http://www.generonumero.media/camaronesas-refugiadas-lgbt/?fbclid=IwAR3v7m0U2jaLpCpB0mhmMtB8FrzYqq_bNwDX4LY0YkifO8k1O_qvbKx0I4A</p>

PAUTA 4

Repórter:	Data:	Retranca:
Amanda Casagrande e Sofia Hermoso	30/01/2019	Perfis
Proposição		
Contar como as mulheres refugiadas vieram para o Brasil e traçar um paralelo		

entre como era a vida delas antes de saírem de seus países de origem e como é atualmente. Abordar os pontos positivos e negativos do Brasil a partir da visão delas. Transmitir alguma mensagem que elas desejem passar para os nossos leitores.

Recorte

- a) **Foco:** Cada entrevistada terá um ponto chave diferente para ser abordado com prioridade a partir da sua história de vida.
- b) **Enfoque:** Mulheres refugiadas e Perfis

Fontes de informação

Salsabil Matouk

Refugiada síria que trabalha como chefe de cozinha com entrega de comida árabe. Está há quatro anos.

Nkechinyere Jonathan

Refugiada nigeriana que lecionava em uma escola e desafiou o Boko Haram. Veio para o Brasil porque estava sendo perseguida em seu país.

Maguy Makaya

Refugiada congoleza que está há oito anos no país. Ficou por um mês num navio, grávida de sete meses e acompanhada de uma filha de quatro anos, até chegar no Brasil.

Nisreen Zahloul

Refugiada síria, mãe de cinco filhos e chefe de cozinha. Morou por três anos num campo de refugiados na Jordânia, perdeu o marido e casou-se com o cunhado, que decidiu trazer a família para o Brasil.

Mary Boada

Refugiada venezuelana de 21 anos que deixou família e amigos no seu país e hoje trabalha como barman em Bauru - SP.

Sugestão de perguntas

- De onde você veio? Quando chegou no Brasil?
- Como era a sua vida no seu país de origem? Por que decidiu vir para o Brasil?
- Você teve dificuldades para encontrar informações sobre como regularizar sua estadia no país?
- Você teve contato com ONGs e outros órgãos nacionais antes da vinda? Como foi a abordagem?
- Você já sofreu preconceito/xenofobia? Se sim, qual foi o episódio?
- As pessoas no Brasil foram receptivas com você?
- Como é sua vida/rotina atualmente no país?
- A sua família veio com você?
- Você já precisou de assistência médica no Brasil? Como foi?
- Você já enfrentou alguma dificuldade no Brasil simplesmente por ser mulher?

Descrição

Abordagem Macroambiental: Contextualizar a atual situação no país de origem das mulheres.

Ambiental: Falar sobre a vinda dessas mulheres para o Brasil, desde a decisão de sair do país de origem até o momento da chegada.

Microambiental: Abordar as dificuldades e os pontos positivos encontrados no Brasil.

Nanoambiental: Focar em alguma particularidade ou ponto principal da história contada pelas fontes.

Recursos gráficos previstos

- Fotos
- Vídeos
- Ilustrações
- Áudios

2 Manual de identidade visual



Este material tem o objetivo de organizar, guiar e exemplificar os elementos que compõem a identidade visual do Trabalho de Conclusão de Curso Via, tais como logo, cores, tipografia, etc.

Deve ser utilizado nos casos de dúvidas em relação à aplicação de qualquer um dos elementos citados acima.

O projeto

A ideia de fazer um TCC sobre mulheres refugiadas surgiu da vontade de criarmos um produto jornalístico com recorte de gênero, por nos identificarmos com os obstáculos que as mulheres enfrentam apenas por serem mulheres. O tema refúgio em si foi escolhido pela vontade de desenvolver um tema mais voltado para os direitos humanos e/ou grupos marginalizados, nós sempre pensamos em temas que saíssem da nossa zona de conforto, para que pudéssemos dar visibilidade para quem não tem e mais precisa.

O projeto tem como missão dar visibilidade para os refugiados, em especial as mulheres, para desconstruir preconceitos e estereótipos sobre o refúgio.

3

O logo

Neste logo a tipografia onde lê-se "via" é o elemento principal, estando ao centro. Além disso, a própria palavra transforma-se, remetendo ao formato oval de um olho.

Através desse logo, que apresenta-se traçado em apenas uma linha, transmitimos a mensagem literal da palavra: "caminho que parte de um ponto conduzindo a outro ponto".

A cor como segundo plano enfatiza ainda mais a sensação de profundidade de um olhar.

4

Versão final

5

Esta é a versão final completa do logo. Ele pode ser usado tanto na cor verde quanto na cor vermelha.



6



Esta é a versão monocromática branca, que deve ser utilizada em fundos coloridos escuros.



7



Esta é a versão monocromática preta, que deve ser utilizada em fundos bem claros, quase brancos.

8

Restrições de uso

Os exemplos de aplicação ao lado devem ser sempre evitados:

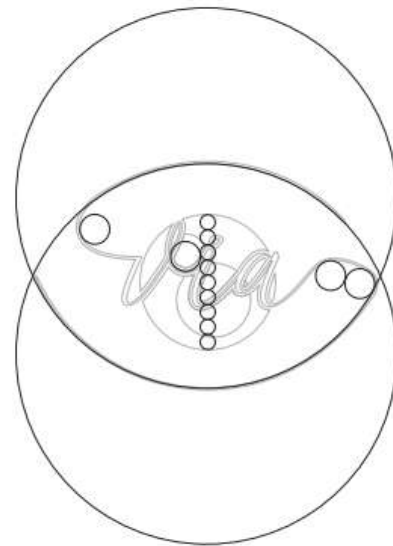
Distorções de formas, cores ou composição prejudicam não só o entendimento e a leitura, como também a mensagem a ser transmitida através do logo.



9

Grid

O grid de construção serve para guiar e especificar de forma clara e didática as proporções de cada parte do logo, afim de facilitar a possível reprodução do mesmo.

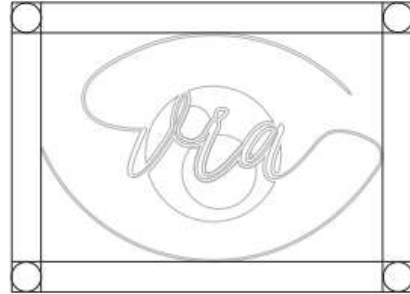


10

Margem

Algumas regras são importantes para a preservação da visualização do logo.

Uma delas é a margem de respiro, que têm o objetivo de garantir que nenhum outro elemento prejudique a leitura do logo.



11

Cores

A utilização das cores principais devem ser priorizadas.

As cores de apoio devem ser utilizadas seguindo um bom senso e com moderação.

Cores principais



#55C3BC



#BAE2E0



#EF6562



#EEB9B6

Cores de apoio



#902E57



#010101



#666666



#F9F9F9

12

Tipografia

Títulos

A família de fontes Dhenmark deve ser utilizada em qualquer aplicação de título da marca: Site, materiais gráficos, meios digitais, etc.

Seu tamanho deve ser significativamente maior que a fonte de texto corrido, para facilitar leitura e entendimento.

Dhenmark Regular

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

ABCDEFGHIJKLM

NOPQRSTUVWXYZ

1234567890

13

Tipografia

Textos corridos

A família de fontes Quicksand deve ser utilizada em qualquer aplicação da marca: Site, materiais gráficos, meios digitais, etc.

As variações de peso das fontes ajudam a garantir a hierarquia dos textos.

Quicksand Regular

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

1234567890

Quicksand Regular

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

1234567890

14